

O BOM INVERNO



JOÃO
TORDO

VENCEDOR DO PRÉMIO LITERÁRIO
JOSÉ SARAMAGO



D. QUIXOTE

Ficha Técnica

Título: O Bom Inverno

Autor: João Tordo

Editora: Maria do Rosário Pedreira

Capa: Rui Garrido

Fotografia da capa: ©GettyImages

ISBN: 9789722043175

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2010, João Tordo e Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

*Men have called me mad; but the question is not yet settled,
whether madness is or is not the loftiest intelligence.*

E. A. Poe

Adoremos o Inverno, pois é a Primavera dos génios.

Pietro Aretino

A mulher de Wilhelm Rontgen

I

Pusemos o homem dentro do cesto do balão e deixámo-lo desaparecer no céu pálido do Lácio. Foi um momento dramático e, se não houvéssemos caído naquele torpor pesado e ruminante que de nós se apoderou, alguém teria erguido um braço para, por entre lágrimas ou sorrisos, acenar um último adeus a Don Metzger. Foram precisos oito braços para transportar o corpo do carro até à gôndola de verga, junto da qual o sinistro Bosco havia, com a ajuda do fiel Alipio, insuflado de ar frio o envelope de *nylon* preto, a grande ventoinha ensurdecendo aquele dia tão fúnebre. Acomodámos Don dentro da gôndola o melhor que pudemos - tanto quanto era possível acomodar um gigante - e depois, com um gesto de amor que chegou a parecer cruel, Bosco abriu a válvula de propano e acendeu o maçarico, as chamas incendiaram o ar e ergueram a gôndola do chão como se a carregassem na palma de uma mão invisível. Era ainda cedo naquela manhã e Don já partia em direcção ao infinito, onde conjuntos de nuvens em vários tons de cinzento, banhadas por um sol melancólico, avançavam lentamente em direcção à montanha, sobrevoando-a como anjos coléricos que trouxessem o prenúncio de tempos terríveis.

Nenhum de nós se moveu enquanto o balão negro se fez aos céus, mesmo quando este era já uma miniatura recortada contra a vastidão nebulosa. Num círculo desfeito, na clareira do bosque, observámos a última ascensão de Don, sabendo que éramos nós que ficávamos sozinhos no mundo, e não ele. Talvez nos tivesse faltado a coragem; talvez, naquele momento, adivinhássemos já que nada

saberíamos fazer sem Don e ficaríamos para sempre sujeitos ao jugo da sua ausência. Foi assim que o Bom Inverno começou. Foi em Sabaudia, foi há uns meses (embora me pareça ter sido há muito mais tempo), foi por acaso e, ainda assim, sempre que penso nas coisas que me aconteceram, coloco a possibilidade de não ter existido qualquer acaso e de tudo poder ser explicado para depois, com um sorriso e um abanar frouxo da cabeça, dizer a mim próprio que é escusado estar a adiantar-me porque o melhor é começar pelo princípio.

Existem, na verdade, razões para explicar como as coisas aconteceram e, se existem razões, é possível ordená-las numa cronologia. Porém, tal como no funcionamento do universo, o todo raramente corresponde à soma das partes. Mas posso certamente explicar as partes ou, pelo menos, procurar fazê-lo: como fui parar a Itália quando o meu destino era regressar a Lisboa vindo da Hungria; como passei aquele tempo na companhia de desconhecidos que se tornaram meus semelhantes e, mais tarde, meus inimigos; como Don Metzger acabou enfiado na gôndola de um balão depois de morto; como esse balão, imitando a última vontade de um pássaro ferido, percorreu mais de cem quilómetros nas correntes de ar e se despenhou ao largo da ilha de Ponza. Passo a passo, é possível contar a história, embora seja impossível, no final, compreendê-la. Eu não a compreendo e os meus companheiros de infortúnio não a compreendem – ou porque estão mortos, ou porque deixaram de existir para mim, o que, em última análise, vai dar ao mesmo. Existem sempre razões; mas, como todos sabemos, as razões nunca serão suficientes. No entanto, e porque qualquer história terá de as apresentar a certa altura para se validar a si mesma, vou começar precisamente por elas.

II

A primeira vez que ouvi falar de Don Metzger - um homem tão intenso e fugaz como um cometa - foi num restaurante em Budapeste na última Primavera. Por essa altura eu já vivia do subsídio de desemprego havia seis meses e a Hungria era o último lugar do mundo onde imaginava poder vir a encontrar-me. Fui lá parar como podia ter ido parar a qualquer outro lado e, a contragosto, acabei por travar conhecimento com Vincenzo Gentile. Foi Vincenzo quem me falou de Don e foi por causa de Vincenzo que acabei por passar uns tempos em Sabaudia, uma cidade de província na costa italiana de que nunca ouvira falar e que não figura nos roteiros habituais dos turistas, ou sequer nos roteiros habituais dos turistas italianos. Mas não foi certamente por causa dele que deixei de trabalhar, nem foi por sua causa que fiquei coxo; seria injusto atribuir-lhe responsabilidade por todos os erros (incluindo os meus) e, assim, é inevitável dizer que, se é verdade que o italiano me abriu as portas do Inferno, também é verdade que era para lá que a minha vida rumava havia bastante tempo.

Para ser sincero, não era grande vida. Que coisa pode ser mais ridícula do que um escritor que não acredita na literatura, embora julgue, paradoxalmente, que esta acabará por o vingar? Pois bem, era o meu caso. Havia muito tempo, aliás, que deixara de acreditar; havia muito tempo, também, que fingia que isto não era verdade; e, por isso, procrastinava, adiando todas as decisões e vivendo sem qualquer convicção de que a vida fosse um acontecimento digno de referência porque, mais cedo ou mais tarde, uma obra magistral acabaria por me fazer justiça. Portanto, eu era escritor e, embora não acreditasse

na literatura – ou precisamente por causa disso, porque algumas pessoas teimam em bater com a cabeça nas paredes –, remetia todas as esperanças de futuro numa carreira literária que se recusava a sair do lugar, tratando a vida como um caixote do lixo por não saber o que fazer com ela.

A verdade não é tão linear. A verdade é que, após vários anos a vaguar pelos arredores da literatura, não é impreciso dizer que me encontrava gasto. Sem me ter dado conta, batera a todas as portas e tornara-me um assaltante profissional, intrometendo-me em todos os meios e apresentando-me a todos os trabalhos com idêntica disponibilidade: durante esses anos fui jornalista, revisor, tradutor, criativo numa agência de publicidade, escrevi prefácios e posfácios de livros, discursos de políticos de segunda e, numa altura mais complicada, criei menus de degustação para restaurantes e letras de canções para um cançonetista popular que plagiava os mexicanos. À parte, ia mantendo uma carreira literária e, no Outono de há dois anos, publiquei o meu terceiro romance sem fazer ideia nenhuma de que, com esse livro, acabara de fechar um ciclo – como se o livro fosse a premonição de alguma coisa monstruosa ou dos tempos que estavam para vir. Esse romance era, tal como os dois primeiros, de um gritante pessimismo, tão gratuito que muitos leitores o abandonavam ao fim de umas quantas páginas, alegando que a realidade já era suficientemente macabra – no meu primeiro livro, por exemplo, um homem cuja família morria num incêndio fechava-se num apartamento londrino e começava a coabitar com fantasmas, falando sozinho e perseguindo vultos de cuja existência duvidava; no final, acabava por duvidar da própria existência, e assim por diante, num exercício sádico de dúvida metódica. Enfim, os

horrores sucediam-se. Não obstante, os livros foram sendo publicados, foram razoavelmente ignorados e, depois, como uma onda que regressa cheia de detritos e algas peçonhentas, as portas em meu redor foram-se fechando com estrondo. Ignorando os melhores conselhos da família e dos amigos, e sem saber ainda que era preciso ter cuidado com o que oferecíamos ao mundo – pois a miséria e a solidão ficcionadas podiam tornar-se reais –, acabei por ser despedido de um emprego estável como guionista numa pequena produtora de televisão, em Setembro do ano passado, por me incompatibilizar com os colegas, com o meu chefe e até com as senhoras da limpeza que amiúde esbarravam comigo a dormir nas casas de banho a meio do expediente. Evidentemente, forcei o despedimento com atitudes insubordinadas que é escusado descrever aqui e, dois anos após a publicação do terceiro romance – que, como os anteriores, morrera na praia –, decidi caminhar voluntariamente para o meu cadafalso, convencido, na altura, de que era a atitude de um herói. Não sei dizer exactamente porque o fiz. Talvez porque a literatura, coisa extraordinária e impossível de explicar (e justamente por isso alvo de constantes e frustradas tentativas), fora uma jovem ambição que cedo se transformara numa fonte de mal-entendidos. Fosse porque não acreditava em mim próprio, fosse precisamente pela razão contrária – porque, no fundo, me julgava capaz de coisas extraordinárias –, tomei a decisão de, após muito tempo a fazer aquilo a que normalmente chamamos «ganhar a vida», renunciar a essa flagrante perda de tempo e fechar-me em casa a escrever a obra com que, finalmente, me vingaria do mundo.

Como quase sempre acontece a quem toma este género de decisões, escrevi muito pouco mas bebi imenso enquanto falava de páginas que só existiam na minha imaginação. O

subsídio de desemprego, aliado a algumas economias, permitia-me essa veleidade e tinha alguns amigos que não se importavam de me acompanhar. De maneira que entrei numa espécie de marasmo criativo e sentimental, convencido de que não era um marasmo mas um sortilégio, uma coisa inevitável e não passível de ser justificada racionalmente, demasiado obscura para ser compreendida – um encantamento ou uma peste, dependendo do ponto de vista. Este marasmo, julgava eu, fazia parte do processo de criação dessa tal obra-prima; era a sina de um tipo que finalmente começava a tornar-se um verdadeiro escritor, aquela película finíssima de paralisante pessimismo que nos ia separando da realidade e, a cada hora que passava, se tornava imperceptivelmente mais espessa, até que um dia nada nos podia tocar mas também nada nos podia salvar, de tal modo nos encontrávamos isolados de tudo. Mas a verdade é que, escrevendo ou não, eu sempre fora um pessimista. Conduzindo um carro por uma estrada a alguma velocidade, por exemplo, dificilmente não me punha a pensar no que aconteceria se, num desvio subtil do volante, passasse para a faixa contrária e embatesse de frente contra outro carro; segurando um bebé ao colo, imaginava com um pânico surdo o que seria de mim se o deixasse cair de uma varanda; enfim, este género de aberrações. Mesmo imaginada, uma dor continua a ser uma dor; está lá quando nos deitamos à noite, está lá antes do pequeno-almoço. Assim, com tempo nas mãos, munido destas ideias absurdas, e com uma secreta descrença na literatura, continuei a procrastinar, a adiar e a beber, arranjando toda a espécie de justificações para evitar a incómoda tarefa de, finalmente, me sentar e começar a escrever.

III

A história que tenho para contar começa pouco depois, numa manhã de Dezembro, faz agora precisamente um ano, em que um pequeno acontecimento precipitou todos os outros e não tardou a alterar tudo. Foi uma manhã em que acordei de ressaca e caí das escadas do meu prédio quando saía para ir tomar o pequeno-almoço. Tenho uma recordação invulgarmente lúcida desse instante: lavei os dentes, dei um gole num café insípido do dia anterior, pensei no jogo de futebol que me esquecera de ver, abri a porta de casa, saí para o patamar e, quando cheguei às escadas, perdi os sentidos e caí. Quando recuperei a consciência, dei conta de duas coisas: uma, que tinha uma dor lancinante na perna direita; outra, que tinha também batido com a boca no chão e que, para além de ter aberto o lábio, lascara um dente. Peguei no fragmento do dente, colocando-o entre o polegar e o indicador da mão direita, e tive a certeza, nesse preciso momento - como tantas vezes antes, com um baque surdo do coração -, de que havia qualquer coisa profundamente errada comigo.

Com a ajuda de um vizinho, fui para o hospital, onde me informaram, depois dos exames, que tinha fracturado a tibia. Com a perna engessada, regressei a casa alguns dias depois acompanhado de uma paciente rapariga chamada Magda, com quem andava a sair nessa altura, que deixou o trabalho a meio da tarde para me ir buscar (Magda trabalhava num banco, lia obsessivamente os livros de Milan Kundera e, por alguma razão insondável, gostava de mim). Passei o Janeiro inteiro em casa, a ver televisão e a comer a sopa e as refeições ligeiras que Magda me trazia diariamente. Além disso, fazia-me café, mudava-me os lençóis e lavava-me a roupa, enquanto eu me passeava de

um lado para o outro num par de muletas, atirando coisas ao chão e queixando-me de como a minha sorte estava a impedir o progresso de um genial romance que, na verdade, nunca chegara a começar. Magda foi perdendo a paciência até que, na tarde em que fui tirar o gesso, a perdeu de vez. Embora eu continuasse coxo, insisti em que fôssemos a um bar junto do rio onde bebi demasiado em pouco tempo. Depois disse-lhe:

«Estou farto de tudo, sabes? A vida nem é propriamente um sonho, é mais uma insónia interminável num quarto cheio de melgas.»

Estávamos sentados a uma mesa da esplanada. Ela levantou-se e colocou a carteira ao ombro. Não estava pelos ajustes.

«Vai-te lixar, tu mais a metafísica», disse, e deixou-me sozinho debaixo de uma chuva inesperada e breve que me encharcou o cabelo e as roupas. Fiquei ali sentado durante uma hora depois do dilúvio - ou talvez mais do que uma hora, não me recordo -, sentindo pena de mim próprio. Depois um empregado veio dizer-me que estavam a fechar, paguei a conta e coxeei pelas ruas à procura de um táxi.

A seguir a esse episódio as coisas pioraram. Tal como acontecia às personagens dos meus livros, as sombras apertaram-se sobre a minha existência e, sem que eu pudesse lutar contra isso, tornei-me cativo de uma prisão que eu próprio inventei. Fechado em casa, sozinho e coxo, deixei-me levar por uma vaga de tristeza que parecia não ter fim. Ou talvez minta, e a vaga não fosse de tristeza, mas de indiferença, aquela espécie de cansaço resignado que provoca nos homens sonolência a horas bizarras e estômagos sensíveis. Vagueei, titubeante, pelos dois quartos e pela pequena sala do meu apartamento como um

velho vagueia por um asilo, sem propósito nem razão. Ocasionalmente vi televisão. Uma noite, por mero acaso, sentado no sofá a olhar para as imagens, assisti a um programa americano sobre um médico que coxeava e usava uma bengala. Vi um episódio, depois vi outro, e acabei por ficar viciado; durante os meses que se seguiram, assisti a todos os episódios que eram exibidos. Nos pequenos momentos de lucidez telefonei a alguns amigos, todos eles demasiado ocupados com as suas famílias e os seus empregos e a vida de todos os dias e sem tempo para os meus queixumes; em momentos de insanidade, provocados pela solidão, tive discussões acesas com um vizinho cujos cães invadiam o meu pátio ao entardecer e lá deixavam as suas fezes. O vizinho recomendava-me alternadamente, em voz alta, que fosse trabalhar ou que procurasse um médico. Escolhi a segunda alternativa.

Fosse culpa do programa de televisão ou do meu precário estado sentimental, a verdade é que a perna não dava sinais de recuperação. O médico garantiu-me que era uma coisa passageira e depois pediu-me que fizesse uma série de exames, o que me convenceu de que havia realmente alguma coisa errada e de que me mentira. Na semana seguinte fiz as radiografias num hospital público. Os resultados não revelaram qualquer problema, mas eu estava seguro de que havia uma conspiração biológica em gestação porque as dores na perna se recusavam a deixar-me. Procurei uma segunda opinião. Depois de novos exames e inúmeras consultas, o meu diagnóstico era incerto. Segundo alguns médicos, sofria de hipocondria; segundo outros, de um estado de saúde débil sem causa aparente. Acabei por regressar ao médico inicial, que começou a receitar-me ansiolíticos.

Quando, finalmente, aceitei aquele cruel destino – de que iria coxear para o resto dos meus dias – fui a uma loja na Baixa e comprei uma bengala *Rosewood* em mogno castanho, com castão também em madeira. Comecei a usá-la dentro e fora de casa, dando longos passeios ao entardecer pelo parque próximo do meu apartamento, que era habitado por velhos e pombos igualmente decadentes. Quando, em Março, entrei no consultório do médico para lhe mostrar o resultado dos exames mais recentes, de bengala em punho, o homem arregalou os olhos. Depois olhou demoradamente para os envelopes que eu trazia, abriu-os, consultou a papelada com o ar enigmático dos médicos, murmurou alguma coisa imperceptível e finalmente perguntou-me por que razão andava eu de bengala. Expliquei-lhe que continuava com dores e que era penoso arrastar a perna de um lado para o outro sem apoio. O homem limitou-se a olhar uma última vez para os exames e repetiu que não havia qualquer razão plausível para o meu estado.

«Livre-se da bengala», disse, em tom paternalista. «Não lembra ao diabo um homem de trinta e tal anos andar por aí como se fosse um velho.»

«O médico da televisão tem uma», argumentei.

«E também tem fama, dinheiro e idade para ser seu pai.»

Depois falou em distúrbios psicossomáticos e escreveu o número de um psiquiatra numa folha de receitas. Saí do consultório sem dizer mais nada, apoiado, passo a passo, na bengala, e à saída do hospital atirei a folha para o lixo.

Se antes eu era um pessimista, depois de comprar a bengala passei a ser um cínico. Um homem novo com uma bengala podia dar-se ao luxo de desprezar o mundo e, assim sendo, eu tencionava aproveitar a oportunidade para

ajustar contas com a realidade. Havia alguma coisa naquele objecto - e na dor constante que sentia na perna, e na firme crença de que, dentro de mim, algo apodrecia - que transformava todo o cepticismo da minha juventude no mais puro fel. Não conseguia andar sem coxear e, no entanto, todos me observavam com o mesmo olhar incrédulo do médico, como se eu fosse maluco e imitasse um inválido por puro prazer. O médico tivera razão numa coisa: um homem de trinta e tal anos com uma bengala não lembra ao diabo; era preciso mais atrevimento para que o diabo se lembrasse de nós.

Uma noite entrei no meu prédio e encontrei Magda sentada nas escadas do átrio. Por um momento imaginei uma dramática reconciliação, mas depois ela explicou que vinha buscar umas coisas que deixara lá em casa.

«Podias ter telefonado antes», disse-lhe, coxeando na direcção do elevador, apoiando-me na bengala com a mão direita.

«Eu tentei telefonar imensas vezes, mas tu nunca atendes», respondeu ela. «O que é isso?» Apontava para a bengala.

«Estou doente», disse-lhe.

«Estás doente? Estás doente de quê?», perguntou com algum desprezo enquanto atravessávamos as portas enferrujadas do elevador.

«Diagnóstico incerto», respondi. «Embora esteja razoavelmente seguro de que é cancro dos ossos.»

Magda revirou os olhos, o que me deu vontade de a esbofetear. Depois olhei para o seu rosto simétrico - de olhos castanhos muito claros, o cabelo alourado - e para as suas mãos longas de dedos finos cujos ossos sobressaíam, como se o esqueleto tivesse ganas de se mostrar. Fitei demoradamente os seus seios pequenos mas perfeitos.

«O cancro não te tirou a vontade», disse ela, saindo do elevador para o patamar. Percorremos o corredor escuro em silêncio. Lá fora, o som de uma ambulância denunciava a cidade. Cinco minutos passados, Magda saía com um caixote de livros, discos e alguma roupa que deixara espalhada pelo apartamento e que eu não me preocupara em arrumar.

«Toma conta de ti», disse-me.

Apoiei o corpo todo na bengala, segurando o cabo com as duas mãos.

«Vou fazer os possíveis.»

Magda afastava-se.

«Finalmente li o teu último livro», disse ela, antes de entrar no elevador.

Senti um espasmo de ansiedade.

«Ah sim? O que é que achaste?», perguntei, tentando fingir indiferença.

«É chato. Parece que tem o dobro das páginas que realmente tem.»

Magda entrou no elevador e a porta fechou-se atrás dela. Proferi um palavrão, sentindo o rancor acumular-se na garganta, voltei para casa e parti uma caneca que estava em cima da bancada da cozinha com um golpe destro da minha *Rosewood*.

O telefonema chegou numa tarde de sexta-feira. Havia alguns dias que não saía de casa e, arrastando-me vagarosamente, fazia viagens esporádicas entre a cozinha e a sala, onde me sentara no sofá a ler um livro qualquer cujo título e o autor me escapam. Lia por ler, sem verdadeiro interesse. A televisão tinha-se avariado no final de Março e, privado do programa do médico americano para me entreter, o aborrecimento instalara-se. Aborrecia-me estar

em casa e aborrecia-me sair; não existia qualquer razão, na verdade, para estar em parte alguma. Entretanto, ia acumulando contas por pagar na caixa do correio, decidido a ignorá-las por receio de consultar o meu extracto bancário. Ao fim de tantos meses sem trabalho, e com o custo acrescido das consultas e dos exames, era provável que estivesse a gastar a última parcela das minhas economias, e o subsídio de desemprego seria insuficiente para me sustentar. A perspectiva de voltar a trabalhar, contudo, era aterradora.

É estranho, assim, que tenha atendido aquela chamada; mas a verdade é que atendi. Foi numa sexta-feira chuvosa de Abril. O telefone tocou e, sem pensar no assunto – e depois de semanas a ignorar precisamente o mesmo som –, estiquei o braço e levei o auscultador ao ouvido. Chegou-me a voz da secretária da editora que publicava os meus livros dizendo-me que iria passar-me ao assistente editorial. O assistente cumprimentou-me e informou-me de uma vaga para um ciclo de conferências na Hungria, organizado para escritores europeus, e perguntou-me se estaria disponível.

«Não», respondi.

«É pago», disse ele.

«O quê?»

«A conferência. É paga, e bem paga.»

Quis recusar novamente mas depois hesitei. Fez-se silêncio.

«Estás disponível?», perguntou o assistente.

«Sim. Quero dizer, depende.»

«Depende do quê?»

«A estadia também é paga?»

«É tudo subsidiado pelo European Writers Bureau.»

«O que é isso?»

«É um novo departamento em Bruxelas. Um organismo, como gostam de lhe chamar. Foi fundado por um sueco, e sabes como são os suecos.»

«Hum-hum», respondi, sem ter ideia nenhuma de como eram os suecos. Vieram-me à cabeça imagens de filmes pornográficos dos anos setenta.

«O que significa é que tens hotel e comida à borla e um *per diem* bastante razoável. E um cheque no final.»

«Quanto tempo?»

«Uma semana em Junho.»

Respirei fundo. Era dinheiro.

«Está bem.»

Houve um momento de silêncio.

«Está bem?», repetiu ele.

«Há algum problema?»

«Tínhamos a certeza de que ias recusar. Faziam-se apostas aqui no escritório.»

«Então para que é que telefonaram?»

«Para ver o que acontecia, claro.»

«Porque é que haveria de recusar?»

Novo silêncio.

«Corre por aí um rumor de que estás doente», respondeu o assistente.

«E estou», disse, com voz soturna.

«Bom, para ser sincero, estive com o Heitor na semana passada e ele disse que esbarrou contigo na rua há uns tempos.»

«Como assim, *esbarrou*? Não me lembro disso.»

«Esbarrou contigo, literalmente. Disse que tu andavas pela rua de olhos no chão, com uma bengala, a ir contra as pessoas como se fosses cegueta. Chocou contigo e tu insultaste-o e seguiste em frente.»

Vasculhei a memória à procura daquele momento. Nada me ocorreu.

«Não tenho qualquer recordação disso.»

«Pois ele lembra-se», disse o assistente. «Chamaste-lhe filho-da-puta e disseste-lhe para ver por onde andava.»

«Hum», respondi, cansado da conversa. «Tenho de ir. Está na hora dos medicamentos e a enfermeira só pode ficar até às seis. Depois disso tenho de mudar o cateter sozinho.»

Desta vez não houve resposta do outro lado.

«Liga-me em Junho com os pormenores», disse, por fim, e desliguei¹.

IV

Na segunda semana de Junho parti para Budapeste. Os preparativos não foram fáceis. Telefonei para a companhia aérea que emitira o bilhete que a editora me enviara e pedi um lugar para pessoas com deficiência. A mulher que atendeu perguntou se podia ser mais específico. Disse-lhe que estava a morrer. Ela ficou em silêncio durante uns segundos e depois respondeu que aquela era uma companhia aérea de baixo custo e que não ofereciam condições especiais, nem mesmo para pessoas que estavam a morrer, que eram, bem vistas as coisas, todos os passageiros. Acabei por achar graça à mulher e deixei passar. Havia outros problemas mais prementes: fazer as malas, planejar a conferência e arranjar paciência para sair de casa. A primeira foi a mais fácil das tarefas; a segunda, guardei-a para o avião; a terceira, resolvi-a chamando um táxi que me veio buscar à porta do apartamento para que não tivesse hipóteses de faltar ao compromisso.

Budapeste era completamente diferente do que eu esperara. De um dos lados do rio, era uma cidade europeia de contornos imperiais, do outro, uma espécie de aldeia medieval com castelos e palacetes. O nome para rua era «Utca», «Ter» significava praça, e a língua era absolutamente incompreensível. Do aeroporto apanhei um táxi e mostrei ao homem a morada do hotel que tinha escrito num caderno. Ele olhou para a minha bengala, abanou a cabeça num gesto solidário e, no final, recusou a gorjeta. Nada interessado em fazer turismo ou conhecer as atracções locais, fiquei no quarto de hotel na primeira noite - que não era um hotel mas uma estalagem medieval construída em pedra, de tectos tão rasos que batia com a cabeça sempre que subia as estreitas escadas que conduziam ao segundo andar, provocando risos tímidos nas meninas da recepção. Deitado na cama, olhei para o que tinha escrito no avião a respeito da conferência. Eram gatafunhos incompreensíveis. Resolvi começar tudo outra vez. O tema proposto era a nova direcção da literatura europeia e, sem qualquer ideia por onde começar, ou que direcção pudesse ser essa, fui rabiscando idiotices e depois resolvi deixar o assunto nas mãos da inspiração que tivesse no momento. Às duas da manhã, a perna começou novamente a doer-me e manteve-me acordado até de madrugada. Às oito o telefone tocava: era Eva Kalman, a organizadora do festival de literatura, a convocar-me para uma reunião no outro lado da cidade. Amaldiçoei-me por ter aceitado fazer a viagem e saí da cama com um grunhido.

O Palácio Karolyi ficava no centro de Peste. O táxi atravessou, devagar, a ponte que cruzava o Danúbio, enquanto o taxista falava ininterruptamente, num inglês miserável, sobre os problemas dos deficientes nos

transportes públicos. Tentei explicar-lhe que estava com pressa, mas o homem estava demasiado empolgado na sua diatribe. Quando cheguei ao palácio passava das dez e a reunião já havia começado. Subi desastradamente a escadaria principal do edifício - que era um verdadeiro palácio do século dezanove, com salões de baile e enormes cortinas de veludo como só vira em filmes - e, por indicação de um segurança, dirigi-me para a sala de conferências. Assim que abri a porta, a bengala resvalou no chão de linóleo e perdi o equilíbrio. Um segundo depois, estava no chão. Ouvei as expressões preocupadas de uma dúzia de pessoas. Uma mulher loura e anafada veio ajudar-me a levantar e, delicadamente, devolveu-me a bengala.

«Não sabia», disse ela, num inglês carregado de sotaque.

Levantei-me e recompus-me. Algumas pessoas riram-se; outras fitaram-me com estranheza. A mulher apresentou-se como Eva Kalman. Tinha um sorriso simpático e olhos azuis de criança.

«Sente-se», disse-me.

Havia duas dezenas de cadeiras dispostas em círculo. Fui sentar-me numa cadeira vaga e olhei em redor: o grupo era estranhíssimo, com gente de idades diferentes e aspecto mais ou menos vagabundo. Um rapaz magro e uma rapariga, sentada ao seu lado, olhavam-me com curiosidade do outro lado da sala. Coloquei a bengala no colo e desapertei o colarinho: o calor de Junho invadia o espaço bafiento. Escrutinei o casal rapidamente. Ambos tinham olhos castanho-claros, embora ele fosse moreno e ela tivesse o cabelo muito loiro, quase branco. Pareciam muito novos e a rapariga era excepcionalmente bonita.

Eva Kalman lutou contra um inglês rústico durante meia hora, apresentou cada um dos presentes - a maioria dos escritores era da Europa de Leste e tinha nomes

estranhíssimos; o rapaz que me observara chamava-se Vincenzo Gentile e era italiano – e depois anunciou o ciclo de conferências do dia seguinte. Durante a apresentação de Eva Kalman, tive de fazer um esforço para não adormecer: antes de sair do hotel tomara três comprimidos para as dores e agora o corpo parecia ter deixado de responder, entregando-se a uma sonolência desgovernada. No final, vencido pela modorra, desci lentamente a escadaria do Palácio Karolyi e emergi pela porta das traseiras, de onde se via um belo jardim iluminado pelo sol do final da Primavera. Ouvei o som distinto da bengala no chão de pedra enquanto caminhava. Dirigia-me para a saída quando ouvi alguém chamar pelo meu último nome.

«Ei. Que pressa é essa?»

Vincenzo estava encostado a uma das colunas que constituíam a fachada lateral do prédio. Ao seu lado estava a rapariga loura e outra que não reconheci da apresentação. Aproximei-me devagar, consciente das minhas graves limitações.

«Como podes ver, demoro bastante mais tempo do que o normal a chegar a qualquer lado. É provável que se faça noite antes de conseguir atravessar outra vez a cidade.»

O italiano olhou-me e sorriu. Tinha os dentes tortos e olhos profundos. O cabelo era negro, com a espessura da palha, espigado em todas as direcções. Usava um casaco preto, gravata e calças de ganga. As raparigas sorriam.

«Tenho aqui uma conterrânea tua», disse ele, de cigarro na mão. Apontou para a rapariga desconhecida. Era ruiva e alta, cheia de sardas no rosto. Devia ter a minha idade ou ser talvez um pouco mais velha. Cumprimentei-a com um aperto de mão. Chamava-se Nina M. Pascal e falava um inglês com sotaque britânico.

«Portuguesa?», perguntei, desconfiado.

«Por portas e travessas», disse Nina. «O meu avô nasceu em Portugal, mas era filho de estrangeiros.»

«A Nina vive em Londres», adiantou Vincenzo. «Representa uma agência internacional de direitos de autor.»

«Hum. Vieste à caça de talentos escondidos?»

Nina sorriu. A rapariga loura mantinha-se imóvel, observando-nos; parecia ser uma criatura dócil.

«Nem por isso», respondeu Nina. «Tenho algumas reuniões com editores, mas nada de significativo. Eu e o Vincenzo conhecemo-nos há uns tempos, e quando ele me disse que vinha a Budapeste aproveitei a deixa. Nunca tinha estado na Hungria.»

Um grupo de escritores saiu pela mesma porta das traseiras. Eram, na grande maioria, os representantes da Europa de Leste. Ignoraram-nos e caminharam para a saída.

«Olha para eles», disse Vincenzo. «Os pobres bisnetos de Lenine.»

Nenhum de nós riu, e ele pareceu esquecer o próprio comentário. Observei o grupo: parecia um bando de corvos perdidos, os ombros descaídos, as cabeças baixas, sussurrando recônditas línguas eslavas. Depois Vincenzo esfregou as mãos e pareceu animar-se.

«Então? Vamos a isso?», perguntou.

«Como assim?»

«Almoço, uns copos, essas coisas. Ver a cidade.»

Hesitei um momento.

«Bom, na verdade se calhar regresso ao hotel. Amanhã há a conferência e, como já percebeste, vou ser um atraso de vida para vocês.»

Vincenzo olhou para a bengala que eu segurava e, num gesto repentino, arrancou-me da mão. Fiquei em

desequilíbrio, tentando subitamente suster-me sobre uma perna na qual perdera toda a confiança.

«Devolve-me isso», disse-lhe, irritado. Ele segurou a bengala na palma das mãos e observou-a atentamente. As raparigas olhavam-no.

«Vincenzo», disse finalmente a rapariga loura, em tom de censura.

«Oh, Olivia, relaxa. Estou só a dar uma olhadela. Não é todos os dias que vemos uma bengala *Rosewood* empunhada por um escritor.» Fitou-me. «Sabias que é um dos melhores fabricantes norte-americanos de bengalas, bastões e pinos de golfe? A tua até tem uma pega *Fritz*. É um portento.»

Vincenzo devolveu-me a bengala, que aceitei sofregamente, ávido de equilíbrio. Depois piscou-me o olho.

«Estou cheio de fome. Vamos a isso?»

V

O episódio da bengala tinha sido caricato e poderia ter sido um problema se, ao longo dessa tarde, Vincenzo não tivesse mostrado que a única coisa que o movera fora a curiosidade. Tinha apenas vinte e cinco anos e, na sua juventude e energia, reconheci um pouco do que eu vinha perdendo com a passagem do tempo. Ainda assim, a sua presença não deixava de ser esgotante. Vincenzo queria viver todas as coisas com a intensidade de um tornado: falava a cem à hora, caminhava com quase tanta rapidez e, frequentemente, a meio de uma conversa, acabava a falar sozinho pois eu tinha ficado para trás, incapaz de o acompanhar, fazendo o lento progresso que a bengala me permitia. Curiosamente, Vincenzo era a doença e era

também a cura, uma vez que me tratou, desde o início, com a displicência com que um elefante trata um vaso de cristal. Essa atitude, embora enervante, impunha respeito.

Almoçámos numa esplanada próxima do rio. Fiquei a saber que Olivia era namorada do italiano mas, quando ela o disse, Vincenzo limitou-se a encolher os ombros.

«Conhecemo-nos há muito tempo», disse ele, enquanto fumava.

Estava sempre a fumar. Tinha vários maços de tabaco nos bolsos do casaco e acendia cigarros consecutivos. Fumou o tempo inteiro enquanto partilhávamos um guisado, bebíamos vinho e olhávamos para os torreões que sustentavam a ponte sobre o Danúbio; explicava-me também o enredo do seu único romance publicado. Chamava-se *L'ultima rivoluzione* e era um livro denso e acrobático sobre um grupo de italianos que resolvia, no auge da juventude, recriar o Maio de 68 em Roma. Nina, sentada a meu lado, interrompia-o constantemente com perguntas, que Vincenzo parecia receber com a força de disparos de bala que interrompiam o seu discurso. Tinha a coisa estudada, pensei, condescendendo; era normal nos escritores mais novos. Depois Olivia perguntou-me sobre o que eram os meus livros. Agitei-me um pouco na cadeira - o vinho servira para abrandar a dor na perna e a transformar numa comichão permanente - e fugi à pergunta. Não me apetecia falar de livros, e muito menos explicar-lhe os meus.

«São policiais», menti. «Não têm grande interesse, a menos que gostes de policiais.»

Olivia olhava-me com os seus olhos muito grandes. Havia ingenuidade no seu rosto e uma estranha melancolia que denunciava uma enorme carência.

«É pouco simpático presumires que não me interesse por policiais», respondeu, surpreendentemente ofendida. Olhei para Vincenzo, que sorriu, sardónico.

«O que provavelmente ele quis dizer», interpelou Nina, olhando para Olivia, «foi que o enredo de um policial é mais linear do que o de um livro como o do Vincenzo. Correspondem a um género que toda a gente conhece e que não vale a pena estar aqui a explicar em pormenor.» Tornou a olhar-me. «Era isso?»

A pergunta ficou no ar. Vincenzo deu um gole no vinho e eu levei a mão ao cabo da bengala, procurando conforto.

«Sim, deve ter sido isso.» Fitei Olivia. «Não queria ser desagradável», disse, sem qualquer vontade de me desculpar. A expressão indignada no rosto de Olivia suavizou-se.

«Ou então não foi nada disso, mas porquê discutirmos quando acabámos de nos conhecer?», rematou Vincenzo. Olivia olhou-o de soslaio e ele piscou o olho a Nina, que susteve o olhar do italiano durante algum tempo. Olivia levantou-se e anunciou que ia fumar um cigarro junto ao rio, afastando-se. Vincenzo pousou o copo na mesa.

«Já volto», informou.

Fiquei sozinho com Nina. Era, dos três, claramente a mais adulta; alguma coisa nela inspirava confiança. Parecia, ao mesmo tempo, imensamente acessível e suficientemente distante para saber guardar um segredo. Contou-me que conhecera Vincenzo em Brighton, onde o namorado vivia. O namorado também era escritor e amigo do italiano. Perguntei-lhe o nome: era um escocês chamado John McGill, de quem eu já ouvira falar e que publicara um romance, aparentemente extraordinário, cujo enredo decorria nos esgotos de Londres. Nina disse que a adaptação cinematográfica do romance estava a ser

discutida. Não fiz qualquer comentário; soava-me a uma xaropada de Hollywood.

«Li uma crítica ao livro algures», acrescentei. «Pareceu-me uma boa história.»

Junto da ponte, Vincenzo e Olivia fumavam. Encontravam-se de pé, lado a lado, e Vincenzo falava e gesticulava. Olivia escutava-o. Era tão alta como ele, e as longas pernas sobressaíam debaixo de uma curta saia castanha.

«Perfeitos um para o outro, não achas?», perguntou Nina.

«Nem mais», respondi.

«Isso é sério?», perguntou ela, apontando com o queixo na direcção da minha perna.

Encolhi os ombros.

«Estou convencido de que sim.»

«Qual é o prognóstico?»

«Não faço ideia. O médico diz que está tudo na minha cabeça. Que é psicossomático. A verdade é que tenho dores constantes. A dor é psicossomática? Não faço ideia, mas que dói, dói.»

«A ferida dói como dói, não era assim que dizia o poeta?»

«Precisamente», respondi. «Se pensares bem, o que é que os médicos, no fundo, sabem sobre a nossa dor? O que é que sabem sobre nós? Só têm números, tabelas, as malditas radiografias... Sabes que a primeira pessoa que foi submetida a raios X, no final do século dezanove, comentou, ao ver o negativo, que tinha a impressão de estar a olhar para a própria morte?»

Nina começou a rir e acendeu um cigarro. Fumava *Mayfair*, uma marca que eu não via desde que estivera em Londres pela última vez, havia quase dez anos.

«Pensa bem», insisti. «Haverá coisa mais parecida com a representação que fazemos da morte – as ossadas, a caveira – do que o negativo de uma radiografia? A primeira

que foi feita, à mão esquerda da mulher do tipo que inventou a maldita máquina, um tal de Wilhelm Rontgen – alguma vez a viste? É uma coisa assustadora, uma imagem mórbida. A primeira vez que entrámos dentro de uma pessoa e a fotografámos por dentro e o resultado é aquele. A própria morte, como disse a pobre senhora, que deve ter apanhado um susto tão grande que só não morreu dele para não ridicularizar a própria ironia.»

«É só um negativo», disse Nina. «Não representa nada mais do que isso.»

«Não é completamente verdade», argumentei. «Estou em crer que a ciência julgou, durante muito tempo, que poderia salvar não apenas o corpo, mas também a alma. E que a alma estava guardada algures dentro de nós, uma coisa qualquer que nunca ninguém tinha visto, uma luz ou um sopro, uma substância esquiva. Depois, a ciência avança e a primeira representação que nos oferece do interior do homem – onde, supostamente, reside essa tal alma eterna – parece uma coisa saída de um filme de terror. É, sinceramente, de se perder a esperança.»

«És um homem com muito pouca fé na medicina, estou a ver», comentou ela. Depois sorriu da ironia. «Se é que faz algum sentido dizer isto.»

Vincenzo e Olivia tinham desaparecido de vista. A rua Jozsef Attila começava a encher-se de húngaros que emergiam dos escritórios para os bares e restaurantes da zona.

«Neste momento sou um homem com muito pouca fé, seja no que for», acrescentei, dando um gole no vinho que ia aquecendo dentro do copo. Olhei em redor, procurando os italianos, mas não os encontrei.

Depois Nina contou-me algumas coisas sobre si. Falava com vagar, cheia de pausas que enchiam a conversa de

tranquilidade, de uma serenidade difícil de encontrar. Era agradável ouvi-la: tinha uma voz melodiosa e o sotaque dos documentários de televisão. Explicou-me que, apesar de trabalhar arduamente na agência de direitos de autor, não precisava de o fazer. Herdara algum dinheiro de família que aplicara com bom senso e, na última década, a fortuna triplicara. Tinha sido a herança do avô, que morrera em 1984 - e, quando disse isto, acrescentou imediatamente que parte do dinheiro servia para doações regulares a instituições de caridade.

«Ninguém tem culpa de ser rico», disse eu, servindo-nos de mais vinho.

«Ainda assim», respondeu Nina. «Se tenho mais dinheiro do que aquele de que preciso, sinto que devo alguma coisa aos outros. Faz sentido?»

Encolhi os ombros. «Como é que o teu avô enriqueceu?»

Nina apagou o cigarro no pires do café. «Tinha negócios privados em Portugal. Na quinta onde eu cresci, no meio do Alentejo.» Disse a palavra em português. «O lugar mais bonito que possas imaginar. Mas a herança mais importante que ele me deixou não foi essa.»

«Então?»

«Foi o amor aos livros. Era muito nova quando ele morreu e, nessa altura, ainda não me apaixonara pelas palavras. Hoje lembro-me muitas vezes da enorme biblioteca do meu avô. Julgo que nunca o vi sem um livro na mão.»

«Daí o namorado escritor», graciei.

Ela riu. «Sim. Talvez só me tenha apaixonado verdadeiramente pelo John depois de o ter lido.»

«Sabes o que é curioso?», perguntei, sorrindo, embora sem grande vontade. «Eu, no que diz respeito à literatura, regredi. Quero dizer, continuo a ler romances, claro que continuo. Mas descobri que os romances não me dizem